

# Estudo busca razão da apatia dos alunos

LAURA GREENHALGH

SÃO PAULO — Em 1992, quando milhares de estudantes saíram às ruas bradando o “fora Collor!”, pais e mães na faixa dos 40 anos trocaram suspiros. Finalmente a alegria e a irreverência da juventude brasileira voltavam às ruas, em bochechas verde-amarelas, malhação de fantoches e discursos inflamados. Havia um clima de anos 60 no ar. Veio o impeachment e, logo em seguida, a fessaca cívica. Tão repentinamente como apareceram, os jovens saíram de cena sem protagonizar um esperado renascimento do movimento estudantil.

A aparição fugaz dos *caras pintados*, que tinham tudo para permanecer em cartaz, é percebida hoje, por estudiosos do assunto, como um sinal de timidez do movimento e de sua limitada capacidade de mobilização. A adesão dos estudantes ao provão do MEC, ignorando a orientação de boicote da UNE, sugere uma desconexão entre as lideranças da entidade e a massa dos alunos. Ou seja, a grande maioria dos estudantes não entende por que um suposto instrumento de avaliação do ensino superior deve ser repudiado. No mínimo, esperariam que a UNE apontasse alternativas ao provão, além do simples repúdio.

Por quais transformações teria passado o *espaço universitário* no Brasil, outrora tão combativo? Onde estão as palavras de ordem? Este é o tema da pesquisa realizada simultaneamente por três universidades brasileiras: a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a Universidade Federal da Paraíba e a Universidade Federal de Santa Catarina. Um *pool* de pesquisadores procura detectar os valores políticos dos estudantes.

Os alunos foram divididos em participantes e não participantes do movimento estudantil - eles são, respectivamente, 30% e 70%

do total. Os participantes do movimento possuem valores ideológicos, coletivos e generalistas. O outro grupo comporta-se de maneira pragmática e com alta dose de individualismo. Aparentemente antagônicas, as duas turmas têm semelhante apreço aos valores democráticos, constatou o cientista político Salvador Sandoval, da PUC de São Paulo.

“Só 5% dos jovens entrevistados possuem valores autoritários”, informa. Sandoval diz que será necessário maior entrosamento entre os dois grandes grupos. “A UNE precisa se dar conta de que a bandeira do ensino gratuito não é relevante para mais de 60% dos universitários do país. Lidar com esta realidade, do ponto de vista político é, sem dúvida, um desafio”, conclui. A desconexão entre a cúpula e a base do movimento seria resultado da política interna do movimento. Excessivamente preocupados em manter o controle da entidade, diretores da UNE não conseguiriam falar a linguagem dos estudantes.

Esta é uma das conclusões da pesquisadora americana Anna Mische, doutoranda da New School for Social Research, de Nova Iorque. Interessada nas mudanças de comportamento dos jovens na América Latina e nos Estados Unidos, a socióloga analisou o movimento estudantil brasileiro entre 95 e 96, assistindo a centenas de reuniões de diretórios acadêmicos. Percebeu que a apatia pode ser herança da repressão da ditadura. Em artigo publicado na revista *Teoria e debate* de junho de 96, a pesquisadora afirma: “Esmagado pela ditadura em 68, mantendo-se na clandestinidade nos anos 70, reconstruindo-se de forma conflituosa na década de 80, (o movimento estudantil) hoje enfrenta dilemas e conflitos antigos, mas também impulsos e experiências novas.”